

Artigos

Marisa Potiens Zilio

Coleção de textos do Autor, colhidos de forma livre nos meios eletrônicos

Todos estes trabalhos foram colhidos de forma eletrônica, já publicados em redes sociais, jornais, revistas e livros diversos, disponíveis livremente.

Esta coleção não é um livro, apenas um apanhado para registrar os trabalhos de sua autoria e/ou de sua preferência, publicados por ele, sobre temas diversos.

A critério do Autor poderá ser transformado em livro.

O ProjetoPF pode ajudar nesta tarefa. Contate-nos.

Data : 30/11/2012

Título : Nunca pensei que faria parte da APL

Categoria: Artigos

Descrição: Sempre gostei de ler e escrever. Ao longo de minha vida fui sendo desafiada a pôr o saber no papel.

MARISA POTIENS ZILIO

Sempre gostei de ler e escrever. Ao longo de minha vida fui sendo desafiada a pôr o saber no papel. Porém, não levava essa tarefa como uma prioridade e, assim, publicava sempre que solicitada, para revistas, periódicos científicos, anais, capítulos de livros, etc., porém, sem rotinas permanentes ou sistemáticas, em relação à escrita.

Até que, respondendo a estes desafios, publiquei meu primeiro livro (“Ser humano: o desafio na vida e no trânsito”) em coautoria com o Dr. Albino Julio Sciesleski.

Depois, creio que o desejo de escrever já não era mais tão tímido em mim, e disso resultou meu segundo livro (antes dissertação de mestrado): “Psicopedagogia: perfil profissional em conflito”.

O desafio continuou e, já sentindo-me mais à vontade, assentei-me no que minha própria vida estava a me exigir, pois desde pequena estive cercada de leituras e de livros. “Pais competentes de filhos doentes” veio a ser, então, meu desafio mais recente, o qual, em parceria com Marilise, Jamile, Suraia, Carla Sesti, Carla Tarasconi, Christiane, Eline e Albino, revelou meu sucesso em mais essa empreitada.

Confesso que vacilei, ao ser convidada para concorrer a uma vaga na APL. Pensava em como seria participar da Academia Passo-Fundense de Letras, e o que isto significaria para minha vida...

Até questionei-me se teria competência para tanto. Mereceria eu tal galardão? Como sempre faço, olhei para minhas conquistas até aqui, e percebi que nunca me negara a responder a desafios. Tampouco me sinto velha, apesar da idade, a ponto de não sonhar mais. Não é por aí, pensei. Há que responder positivamente à vida, não ter receio de mudar (ideias, conceitos, modos de viver) e buscar novas propostas, sempre.

Então, aceitei esta “honra” que, na verdade, é para mim mais um desafio. Como nos diz Sara Paim: “Todo pensamento, todo comportamento, remetenos a sua estruturação inconsciente, como produção inteligente e, simultaneamente, como produção simbólica.”

Como cheguei até aqui, intelectualmente falando? Há, naturalmente, uma história que surge de meu inconsciente, de minhas memórias: meu pai, que me presenteava com muitos livros de histórias e lia todas as noites até eu dormir.

Minha mãe, que incentivava a leitura, a ouvir radionovelas, e mantinha longas conversas em torno de minhas muitas, mas muitas mesmo, curiosidades. Também lembro de quase todas as histórias de Hans Christian Andersen, dos irmãos Grimm, das coleções “Mundo da Criança”, das revistas “Recreio”, de Monteiro Lobato, das estórias de José de Alencar (já na minha adolescência), de “Poliana Menina” e “Poliana Moça” (que eu adorava, e como adorava!), enfim, isso tudo fez parte desta história de vida.

Escrevo bem? Não sei, mas gosto de soltar meu pensamento (que tem conteúdo, segundo meu editor) e de fazer parte, de somar e de contribuir, literariamente, com a construção de um mundo sempre melhor.

Lembro aqui de “Alice no País das Maravilhas”, quando o coelho lhe disse: “É tarde! É tarde! É tarde até que arde! Ai, ai, meu Deus! Alô, adeus!...”

Canta o coelho de Alice. Cantam as mentes insatisfeitas. Cantam os homens que querem mais. Quero mais, queremos mais. Eis o nosso desafio. Este é o meu desafio.

Por fim, quero lembrar de algo que se chama “influência”. Ouvimos muitas vezes que não devemos ser influenciáveis. Que tolice! Quero, sim, ser sempre influenciável pelos bons pensamentos, pelos comportamentos de pessoas desafiadoras, pelos meus amigos e parentes, pelos filhos, pelas pessoas generosas, pelas pessoas sábias. Quero ser influenciada pelos bons livros e por seus autores.

Quero, ainda, ser influenciada por esta casa (APL), onde o saber compartilhado não mede esforços, e voa sem fronteiras e sem barreiras.

Lembrando Lucas (12, 13-21), quando nos fala da história que Jesus inventou (Ele gostava de contar e inventar histórias!), dizendo que, diante de uma grande colheita, o senhor da fazenda pensou em construir silos maiores, para guardar todos os seus grãos, para poder viver sua vida sem preocupações, Jesus falou, então, da tolice de quem assim pensa, pois não considera que a vida é efêmera e o amanhã poderá não existir.

Esta passagem nos faz pensar que estamos aqui para distribuir nossos pensamentos, nosso conhecimento, não para guardá-los; e que nossa imortalidade seja o símbolo de que não vivemos em vão. O que espero fazer em prol da cultura local. E qual o compromisso assumido, publicamente, com a APL.

É difícil responder a estas questões, pois os dinamismos hodiernos podem nos levar a “desobedientes” juramentos. Prefiro falar de meus sonhos, em relação à cultura local e aos compromissos com a APL.

Um deles vem de quando eu era Vice-Reitora de Extensão e Assuntos Comunitários, da UPF. Junto a órgãos competentes (como a universidade e as faculdades locais), pensei em reestruturar os três prédios que mantêm a APL, o Teatro e o Museu, para que se transformassem num espaço cultural maior, fisicamente, que pudesse abrigar mais e maiores eventos literários, culturais e festivos.

Já imaginaram todo o pátio reconstruído, com um anfiteatro para apresentações de orquestras, corais, bandas, etc.? E um teatro e um museu, fervilhando de gente e com diversidade de espetáculos e exposições?

“Mas já fazemos isto”, poderão dizer alguns. Sei que o fazem, mas sei também das dificuldades. E são estas que quero amenizar, para que o resto flua. A estrutura física é importante e deve ser empática, a ponto de atrair as pessoas.

Sentem na praça, e observem como nossos espaços de lazer e reflexão estão cada vez menores e menos convidativos!

Outro sonho é a promoção permanente de escritores (e também de artistas, músicos, etc.) e de outros talentos filhos desta terra, levando-os a diferentes eventos (discussões, rodas de leitura, oficinas, etc.), nas escolas. Creio ser esta uma prioridade, pois, para que nossos jovens leiam mais, é necessário provocá-los.

Desejo ainda que nossos livros estejam em nossos computadores. Isso tornará todos mais hábeis para romperem barreiras territoriais e se fazerem presentes em todo o planeta.

Por fim, o que posso “prometer” de fato é estar presente, e apoiar com dedicação as ações da APL. E ainda, se possível for, e a inspiração existir, escrever... escrever... escrever.

Seria pretensão demais desejar vínculos permanentes, com prêmios literários e com a Academia Brasileira de Letras? Confesso que, como uma criança iniciando seu caminhar, tenho por ora dificuldades em prever todas as perspectivas que a APL oferece.

Estar presente e ser sempre cooperativa, por fim, é minha promessa.

(Marisa Potiens Zilio, psicopedadoga e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Data : 30/11/2013

Título : Pecados capitais: reflexos na Educação

Categoria: Artigos

Descrição: Quando falamos em pecado capital, tomamos como definição que pecado é toda a transgressão ou o desamor para com o outro e/ou para consigo mesmo.

MARISA ZÍLIO

Quando falamos em pecado capital, tomamos como definição que pecado é toda a transgressão ou o desamor para com o outro e/ou para consigo mesmo. A palavra capital é usada para significar a violação da essência do humano, do pensar e do sentir. Consideramos esse capital também porque revela todo o desvio de caráter e, conseqüentemente, de comportamento que prejudica não apenas o homem, mas toda a humanidade.

Os sete pecados só foram enumerados e agrupados no século VI pelo então Papa Gregório Magno (540-604), tomando como referência as cartas de São Paulo. Muitas vezes, chamados de mortais, pois, teoricamente, significam a morte da alma.

Capital vem do latim cabeça. “Tua cabeça é a tua sentença”. Não há como discordar dessa frase. Mas e os sentimentos? Pode ser que alguém assim questione. Sentimentos são espontâneos. Sobre eles não temos gerência alguma, mas as ações decorridas deles passam pelos nossos pensamentos, por nossas escolhas.

Ao longo do tempo, a Igreja (não refiro-me apenas à católica) vem oferecendo antídotos: disciplina, generosidade, paciência, temperança, caridade, humildade..., porém deixa à interpretação humana a escolha dos próprios pecados.

Falha, portanto. A subjetividade, dessa forma, coloca-nos em patamares diferentes. Os critérios de avaliação dos próprios atos sempre encontram suas justificativas. Ghandi traduz para as condutas pessoais. Materializa os pecados. Tomás de Aquino, que se apresenta como filósofo dos fenômenos humanos, mergulha no concreto ao tratar da compreensão dos pecados capitais. Lembra que, para conhecer o mal, é necessário voltar-se para o mundo concreto e para o modo como este se movimenta.

Tal pensamento empírico lembra que culturas diferentes têm interpretações diversificadas do que seja, por exemplo, castidade, monogamia etc.

O papa Gregório Magno dedicou-se a recolher informações históricas e antropológicas do oriente para compreender melhor a alma humana e, desde então, esta tem sido a procura de muitas ciências e religiões: compreender a alma humana e o porquê de seus vícios, seus desvios.

Nossos vícios, os da humanidade, muitas vezes estão tão arraigados em nossos íntimos, de forma que não os percebemos como tais. Assim, o comportamento dominante não é mais questionado, nem visto, nem percebido. Logo, temos alguns problemas:

Como questionar o que não se pode ver, sentir, ouvir? Como fazer esta desorientação e inconsciência desabitar o ser contemporâneo e principalmente o comportamento dos educadores?

Mais uma vez temos que recorrer a estudos anteriores. Tomás de Aquino considerava que o maior dos pecados era a vaidade, e referia-se à preguiça como aliada, estando aí dois corruptores da humanidade.

Seria a acídia¹?

Tomás de Aquino dizia que os pecados destroem a verdadeira liberdade e que, quando presos aos vícios, nos fazem mergulhar num auto-desconhecimento, a um não se perceber, não se encontrar. Novamente vem a pergunta, razão central deste texto:

Onde tal conhecimento poderá iluminar a educação e os educadores, nos dias de hoje?

Mas ainda, agora, vale lembrar dos sete pecados capitais: vaidade, inveja, ira, preguiça, avareza, gula e luxúria.

E também lembrar o pensamento de Ghandi, que nos diz, referindo-se às injustiças sociais para explicar tais pecados:

“Riqueza sem trabalho / Prazeres sem escrúpulo / Conhecimento sem sabedoria / Comércio sem moral / Política sem idealismo / Religião sem sacrifício / Ciência sem humanismo”.

Vamos começar por analisar o comportamento atual. De acordo com Ghandi, todos esses pecados estão presentes na conduta da humanidade. Lembro de um rapaz, com o qual conversei: “— O que você quer ser? — Quero ser rico...!

— Mas como você pensa em ser rico?

— Ahh, isso não sei!”

Este diálogo bem faz lembrar que a realização do homem não está mais nas conquistas de suas profissões, na descoberta de seus talentos e de seu trabalho, a não ser no pobre objetivo de uma grande maioria em ser rica. O perigo é que a busca por este desejo pode vir acompanhada de falta de escrúpulos, escolha de meios indignos e pouco saudáveis de conseguir o que se quer. E a rapidez cobra seu preço se esta busca é desenfreada. É justo ser rico vendendo drogas? Roubando? Desviando? Matando os próprios pais para fazer uso mais rápido da herança? São ideias estúpidas, mas vêm de notícias informadas com frequência na mídia.

Até parece que o que deve se impor para se ter certo prestígio social e uma certa dignidade é ser rico. Prestemos atenção no que diz loschpe: “Riqueza não é um fim, é um meio. A finalidade da vida é a felicidade, a plenitude. E é isso que nos é roubado ao termos um sistema educacional tão incompetente: a cada dia, milhões de brasileiros ficam mais e mais longe do limite de suas realizações” (Revista Veja, ed. 2.299, ano 45, nº 50).

O problema é lidar com os maus educadores em casa, quando, por exemplo, os pais insistem com certas justificativas:

“— Tenho que trabalhar. Precisamos de mais e mais dinheiro. Tenho que ganhar mais, senão não vou dar conta de nossas necessidades”.

A maior necessidade que deve um pai suprir é da presença. Pai e mãe ricos e ausentes não ajudam. Há que haver uma justa medida entre busca da riqueza fruto do trabalho, tempo e dedicação conferidos à família. Se os filhos estão abandonados à própria sorte, quem será responsável em formar o caráter e os valores que irão orientar a conduta deles?

Assim, a sociedade entra num ciclo irreversível de desvalorização humana, ao ponto de um filho ser substituído por uma reunião, por uma hora extra, por um valor em dinheiro.

Como ser professor hoje em dia?

Contra esta profissão, há muitos que dizem: “— Não seja um professor, ganhe-se muito pouco”. Apesar de uma verdade contida nessa expressão, isso não justifica virar às costas a uma coisa óbvia: a falta de empenho, dedicação e valorização com a sociedade tende a voltar contra si próprio, mais ou menos de acordo com o aforismo: “Quem planta, colhe!”. Não vamos analisar aqui os descaminhos da educação, mas a inversão do conhecimento e da sabedoria.

O valor do professor (e dos sistemas educacionais) é inigualável. Não há profissão mais necessária, mais absoluta.

Sem ela não teríamos todos os outros profissionais. A humanidade evolui pela mão de quem tem conhecimento e sabedoria e, principalmente, passa-os adiante, proporcionando novas descobertas e avanços, na justa medida de outra máxima: “quanto mais se compartilha, mais se tem!”

E o professor pode reconhecer este seu valor quando, em sala de aula, desafia o pensar humano; quando seu salário não justifica suas ausências; quando atua com sabedoria nas mudanças e nas construções do caráter de seus alunos, ainda que signifique opor-se a paradigmas de todo um grupo social... E, tanto mais gratificante, um educador reconhece seu valor quando faz emergir talentos, vocações e aspirações.

Tudo bem, ainda é corrente o “ser feliz a qualquer preço” nesta sociedade atual. E também é parte da interpretação de muitos que a luxúria acompanha a felicidade, que ela deve expressar dignidade, que deve estar nas roupas, nos carros, nas casas. Nas sombras dessas ideias vivem a nudez gratuita, o sexo como moeda, o descaramento, a falta de juízo. Num mundo onde a riqueza é o fim e tudo pode ser comprado, não há por que surpreender-se, portanto.

É uma questão de puritanismo? Claro que não. Basta que reflitamos um pouquinho sobre nossos próprios pensamentos:

“— É esta a forma correta de educar meus filhos? Estou fazendo bem assim como me comporto, sem culpa e ressentimentos?”

Por mais que se estude as diferentes culturas, tanto vertical como horizontalmente, vê-se que há princípios morais ligados ao comportamento sexual rígidos e bem estabelecidos. Não se está falando aqui de rigidez da Idade Média, onde o pecado era o caminho do inferno. Tampouco se fala da fatalidade com que era aceita toda e qualquer condição humana: se nasceu rico ou pobre, como um desígnio divino. Isso, na época, era inquestionável.

Fala-se, sim, é da conduta que fere toda uma sociedade, que fere as relações, que provoca a desorientação e o desamor entre os homens. Quer-se referir à sociedade que abandona e mata os próprios filhos; que mata e fere os próprios pais.

Quem falha neste momento? A igreja? A escola? Os educadores pais ou professores?

Para Sérgio Sinay, “— Para ser verdadeiramente pai ou mãe, não basta ter um filho. Muito além de colocar bebês no mundo, a paternidade e a maternidade envolvem dar conselhos, impor limites e estabelecer uma conexão real com seu filho ou filha. Entretanto, a crescente violência juvenil; a epidêmica obesidade infantil; o uso cada vez maior de álcool e drogas por adolescentes; o fácil acesso à televisão, à internet e aos celulares; os problemas de conduta e aprendizado e a manipulação publicitária são apenas alguns dos sintomas de um fenômeno preocupante: o descaso dos pais em relação aos filhos” (A sociedade dos filhos órfãos. Rio de Janeiro: Best Seller, 2012).

Começemos por enunciar e refletir sobre pecados capitais.

Sim, a falta e a inconsciência social, moral e ética é que está, sem dúvida, levando à deseducação e ao descompromisso.

Pessoas de bem tornam-se omissas em relação às políticas, pois não encontram nelas sequer algum idealismo.

Atitude incorreta que permite que idealismo seja um palavrão mal compreendido nos dias de hoje. Quanto mais cresce a omissão, mais cresce a imoralidade. Quanto mais cresce a imoralidade, mais nos trancamos em nossos próprios ninhos na tentativa de nos protegermos. Vida supõe alegria e também sacrifícios.

Sacrificamo-nos pelos nossos filhos, pelo nosso trabalho digno, pelos nossos ideais, por um mundo mais moral e menos corrupto. Sacrificamo-nos pela descoberta do maior bem: o amor (e quem foi que disse que ele não é exigente?). Sacrificamo-nos para defender nossas crenças em um mundo mais justo. E a isso chamo de religião.

No final, se compreendermos que tais sacrifícios nos tornam educadores e educados e experimentarmos, ainda que por instantes, a verdadeira felicidade, a da plenitude em si mesma, poderemos dizer que estamos no caminho da virtude.

Falar de certo ou errado, de pecado e virtude, é fundamental a todo educador. Pessoas de coragem, no mundo de hoje, fazem isso.

NOTA:

1 - Acídia ou acédia = enfraquecimento da vontade; inércia, tibieza, preguiça; melancolia profunda. Na medicina, é a desordem mental caracterizada por apatia, melancolia e descuido. Na teologia, é a abulia espiritual quanto ao exercício das virtudes, esp. no que respeita a culto e à comunicação com Deus (Dicionário Houaiss).

(Marisa Potiens Zilio é formada em Pedagogia pela Universidade de Passo Fundo; mestre em Educação e Saúde pela PUC/RS; especialista em Psicologia e no Método Montessori Lubienska pela Escola Nossa Senhora de Sion. Foi vice-reitora de Extensão e Assuntos Comunitários da Universidade de Passo Fundo, entre 2002 a 2006. Foi presidente do II Congresso Internacional Multidisciplinar sobre aprendizagem; conselheira, na Associação Brasileira de Psicologia, membro do Conselho, na Associação Brasileira de Neurologia e Psiquiatria Infantil e vice-presidente do Fórum Nacional de Extensão. Publicou, entre outros, os seguintes recentes trabalhos: a) Psicopedagogo: perfil profissional em conflito; b) Ser humano, o desafio no trânsito e na vida (em coautoria); e c) Pais competentes de filhos doentes, todos pela Méritos Editora.)

Data : 25/11/2014

Título : Joana e o colo de Luizinha

Categoria: Artigos

Descrição: Vou narrar uma história de minha infância, dizia um velho muito velho, nascido num cantão do Brasil. Podem não acreditar. É, de fato, uma história de uma mulher, que é de não acreditar.

Vou narrar uma história de minha infância, dizia um velho muito velho, nascido num cantão do Brasil. Podem não acreditar. É, de fato, uma história de uma mulher, que é de não acreditar.

É uma história antiga. Minha avó contava. Como começa mesmo? Deixem-me lembrar. Era uma vez... e depois? Vamos lá.

Era uma vez uma família feliz. Três lindos filhos, saudáveis.

A casa estava cheia de gente, de amor e de alegria. Maravilhosa a casa de Joana. Se bem me lembro, assim se chamava aquela senhora. Posso estar inventando, mas não invento o principal. Num dia desses da semana vieram juntar-se, os avós, os tios e os sobrinhos de Joana. Mais que tudo vinham os amigos. Ela e o marido Aparício tinham muitos amigos. Era de ver a festa em que se transformavam as reuniões mais simples.

A casa tinha aquele gostinho de amor, de amizade que parecia um grande bolo açucarado. Até Joana brincava dizendo haver perigo de os amigos terem diabete.

O avô, pai de Joana, era muito, muito especial. Tinha uma alegria de vida contagiante! Tudo virava uma piada na sua mente, na sua boca. Era um avô pra valer, alegria dos netos. Um lavabo, com tapete vermelho, ganhou de pronto seu apelido: este é o pinico de veludo. E se ria todo o velho avô. E as histórias, então. Os netos riam só de ver o vô falar.

Para dormir, que gostoso, um acampamento para as crianças! E vinham, então, monstros e anjos misturados em sustos e salvações. Um dos netos, o Francisco, perguntou por que ele não trabalhava? Porque faço chover dinheiro, brincava o velho avô.

Pior, Francisco acreditou. Foi tirar satisfação, perguntando ao pai como é que o avô fazia pra chover dinheiro. O vô só está brincando, respondeu o pai Aparício. Ele está aposentado. Um dia vou te contar, filho, o quanto o vô trabalhou. Joana ficou preocupada com as fantasias de seu pai. E se dissesse ao Pipo Elias, o menorzinho, o mais ousado em tudo, que ele costumava voar montado nas nuvens. Deus me livre meu pai estimular o pequeno desse jeito. Seria capaz de querer imitar o velho, acabando por cair de uma janela.

Joana, professora que era, trabalhava em três escolas. Vida dura a de professora, pois, juntando seus dinheiros com o do marido, mal dava pra pagar a prestação da casa, do carro e a comida. E a pequena Cibele já nascera cheia de orgulho feminino, sempre de olho na moda infantil.

Numa das tardes, a caminho da escola, deu carona para duas colegas.

– E daí, você não quer mais filhos?

– Negativo, temos três e mal damos conta!

Surpresa?! E que surpresa! Mal lembrava Joana de ter dito, tempos atrás, de seu desejo de ter mais um. Quatro é o ideal, foi dito sem muito pensar. Mas as colegas não esqueceram. Poucos dias depois levaram Joana a ver uma pequena criatura. Uma irmã avisara a uma das colegas de Joana do nascimento de uma menina. E lá se foram ver a linda criatura.

A irmã já esperava louca pra proteger a criança. A mãe biológica queria fazer a doação por falta de recursos.

– Tenho um bebê para você – falou a irmã, se dirigindo para Joana.

– Irmã... – Nem acabara de falar, não teve como terminar a frase. Olhou a cestinha e dentro dela uma vida querendo alguém. Se atrapalhou toda, mas lembrava, era um lindo dia! O sol brilhava como nunca. Fim de agosto.

– Irmã – falou Joana – tenho que falar com Aparício.

Amanhã dou a resposta. –Ela espiou o rosto da pequena dentro da cesta. Não, pelo amor de Deus, não posso nem olhar. Ela já podia sentir aquele bebê em seus braços.

Naquele dia, tiveram, em especial, muitas visitas que permaneceram até bem tarde da noite. Joana pediu orações para melhor acertar numa decisão a ser tomada. Era coisa a ser decidida a dois.

Ao deitar... Chegou a hora, pensou Joana. Aparício estava cansado, não poderia dar a devida atenção.

Então ela sonhou um sonho muito lindo e assustador. Joana carregava uma criança no colo, desfalecida. Pedia ajuda. Até que encontrou um grande, enorme colo e nele aconchegou a criança. Ela ressuscitou!

O sonho deu-lhe uma certeza: este bebê teria que ser dela. Acordou o marido. Fez do sonho uma realidade familiar. Aparício, ainda tonto de sono, concordou.

Na manhã seguinte, com a família reunida, anunciaram a decisão. As crianças vibraram e logo foram ajeitar suas roupas de festa para buscar a mana.

A correria foi grande até que fosse renovado o pequeno guarda-roupa da menina. Luizinha, dado o nome na confusão do meio-dia, aguardava-os com seus grandes olhos azuis, assim falava Joana ao contar para os amigos.

E por lembrar-se de tudo Joana repetia por muito tempo:

Sempre fora uma criança muito especial. Seu desenvolvimento surpreendia. Falou sua primeira palavra aos seis meses e caminhou aos nove meses. Por ser muito ativa se tornava necessário muitos olhos para protegê-la e conter suas artes. Aos dois anos adoeceu. Um problema sério sem diagnóstico. Durante três anos e meio vivemos com Luizinha em hospitais. Longo e difícil caminho. Até que um dia... ela partiu. A sensação era tão real como no meu sonho.

Por ser religiosa, Joana entendeu ser o grande colo de Deus a receber sua pequena. E repetia seguidamente: Estávamos colocando nossa pequena filha num grande colo, o colo de Deus.

Muitos e muitos anos se foram desde então. Não somente se foi a pequena, como também Aparício, sem pedir licença. O tempo foi pondo remédio nas dores, menos em Joana. Uma dor profunda tomou conta de minha casa, dizia Joana conformada. O conflito entre Deus e a inconformidade não lhe dizia respeito. A serenidade não se afastava dela apesar da dor.

Muitos amigos não concordaram com a adoção de Luizinha. Ela, porém, repetia: Faríamos tudo de novo... Quem crer verá!

O velho muito velho seguidamente narrava esta história de sua infância.

Os pequenos, ao ouvirem a história de Joana e da pequena Luizinha, ficavam cheios de compaixão. Não acreditavam que fosse verdade, mas o velho contador de histórias dizia que sua avó não mentia.